



**A METAFÍSICA ENTENDIDA COMO “SCIENTIA TRANSCENDENS”:
DA ANALOGIA HALENSIS E BOAVENTURIANA À UNIVOCIDADE ESCOTISTA, NOTAS
INTRODUTÓRIAS**

UELLINTON VALENTIM CORSI¹; ROBERTO HOFMEISTER PICH³;

¹ *Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – uellintoncorsi@gmail.com (autor)*

³ *Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – roberto.pich@pucrs.br (orientador)*

1. INTRODUÇÃO

Pretendemos, com este estudo, analisar a metafísica compreendida como ciência dos transcendentais (“*scientia transcendens*”) na tradição filosófica franciscana do séc. XIII ao séc. XIV. Tomaremos como base bibliográfica primária as obras de Alexandre de Hales, Boaventura de Bagnorégio e, de modo especial, João Duns Escoto. Salientamos que os autores desenvolvem um tratado sobre os transcendentais de forma implícita ou explicitamente nas obras por nós analisadas.

Por isso, utilizaremos como principal fonte de pesquisa as obras dos respectivos autores no original latino com traduções de especialistas e, quando necessário, obras de comentadores. A análise visa expor *notas introdutórias* sobre essa temática em Hales e em Boaventura, que abordam os transcendentais como conceitos análogos a Deus e as criaturas e, com isso, adentrar na teoria de Escoto acerca dos transcendentais, em que o fundamento está na univocidade do conceito de *ente* e seus predicativos. O Doutor Sutil inicia a sua investigação pelo conceito de *ente* (“*ens*”) como um conceito unívoco. O *ente*, com os atributos disjuntivos, possibilita o conhecimento de um *ente* com qualidade de ser “*ente-infinito*” ou de ser “*ente-finito*”. Ele é, então, um conceito transcategorial.

Esta pesquisa está aberta, impedindo considerações finais, mas possui conclusões parciais do estudo sobre a metafísica como “*scientia transcendens*”. A metafísica, entendida dessa forma, constitui o elo entre os autores acima mencionados, porém, não queremos com isso negar as diferenças metodológicas e conceituais, tampouco a originalidade de cada um. Portanto, pretendemos alcançar, com essa análise transversal da metafísica transcendental nesse período, a teoria escotista da metafísica como ciência que investiga os transcendentais para, então, analisar a predicação unívoca do conceito de *ente enquanto ente*.

2. METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo, utilizamos uma metodologia de caráter bibliográfico, isto é, a leitura, a análise e a interpretação dos textos de Alexandre de Hales, Boaventura de Bagnorégio e João Duns Escoto (os originais latinos criticamente editados) e de alguns de seus comentadores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metafísica, visão arquitetônica, oportuniza acesso às diversas formas aptas a conhecer aquilo que constitui a realidade segundo perspectiva abrangente ou totalizante. Alexandre de Hales (ca. 1185 – 1245) aborda a teoria metafísica dos



atributos transcendentais em sua *Summa*. Em nosso estudo utilizamos o seu comentário à “*Glossa in Quatuor Libros Sententiarum*”. Nessa, Hales trata da predicação análoga dos transcendentais.¹ Como *relação diversa*, ele afirma que há vários tipos de relações entre o Criador e as criaturas;² e como *relação não diversa*, é afirmado que entre Deus e o homem há algo predicável que se relaciona diretamente. O aspecto *diverso* é entendido não quanto “gênero, espécie e em número”³, mas sim, pela *participação*. Isto é, Deus é o *Ser* por excelência e as criaturas, por participação, possuem o “ser” no modo de existência de “entidades” múltiplas.⁴

Na multiplicidade das entidades é que ocorre a participação no “*Ser* absoluto. Conhecendo a realidade, há a percepção de que tudo, de certa forma, é *ente* individualizado em qualidades particulares. Se tudo é, em última instância, *ente* e *ente* necessariamente denota existência, então, o *ente* é radicado do *ser*.⁵ Com isso, podemos inferir que a causa primeira de todas as coisas é o “*ser-ente*”⁶ em ato e em si mesmo absolutamente simples⁷, ou seja, o “*ser em si mesmo*” indiviso em essência, sendo que a sua essência é necessariamente confundida com a sua existência.⁸ Com a busca pela causa primeira e referindo-se ao “*ser em si mesmo*” absolutamente simples e, portanto, indiviso, chega-se à ideia cristã de Deus. A unidade divina proclamada pela fé dos cristãos, “*Credo in unum Deum*” (= “Creio em um único Deus”), dá nome ao “*ser em si mesmo*”.⁹ Deus como sendo o “*ser em si mesmo*” se torna um princípio imediatamente evidente. Isso ocorre, porque o conceito de Deus cristão é relacionado à totalidade das coisas em ato e, além desse aspecto, Deus é entendido como o Criador de tudo o que existe, em consequência, é a causa das causas, ou a causa primeira, procurada por Hales e

¹ Para compreender mais sobre os métodos de predicação análoga, equívoca e unívoca Cf. BOEHNER; GILSON, 2012, pp. 417 – 418. Também a obra de SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Comentário à metafísica de Aristóteles IV*, lição 1, n. 7 (Trad. de FAITANIN, P. e VEIGA, B., p. 337) e cf. ARISTÓTELES, *Metafísica IV* (1003a 30 – 35. 1003b 5 – 35).

² ALEXANDRUS DE HALES, *Glossa in Quatuor Libros Sententiarum*, Livro I, distinção 1, parágrafo 14, subparágrafo g, linhas 20 – 25. É importante conferir a definição do *Aquinate* acerca das definições diversas e não diversas de um conceito análogo Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Comentário à metafísica de Aristóteles IV*, lição 1, n. 7.

³ ALEXANDRUS DE HALES, *Glos. in Quat. Lib. Sent.*, L. I, d. 1, parág. 14, subparágrafo g, linhas 20 – 25, (tradução nossa): “*Ad aliud dicendum: nihil est commune ad Creatorem et creaturam genere, specie vel numero*”.

⁴ ALEXANDRUS DE HALES, *Glos. in Quat. Lib. Sent.*, L. I, d. 1, parág. 14, subparágrafo g, linhas 20 – 5, (tradução nossa): “*Vel potest comparari ad unum quod idem sit cum altero, ut cum dicitur 'homo bonus', 'Deus bonus': [dicitur Deus bonus] bonitate qua ipse est, homo bonus relatione ad illam bonitatem quae est Deus*”.

⁵ Vale ressaltar que para Escoto o “ser” é predicado do “ente”, porém, Hales e Boaventura afirmam o “ser” em detrimento do “ente”. Não encontramos unanimidade nos autores, tampouco nos comentadores das determinações transcendentais.

⁶ Como é notório, não existe unanimidade no uso dos termos “ente” (“ens”), ou “ser” (“esse”). Por isso, iremos adotar o “ser-ente” que, como visto, são entendidos como uma e mesma coisa, porque o “ente” necessariamente existe e como existente ele é “ser”. No entanto, isso quando abordamos diretamente a metafísica de Hales e Boaventura, porque Escoto apropria ao “ente” a qualidade de “*simpliciter simplex*”.

⁷ Notamos que Hales e Boaventura confundem o conceito de “ser”, ou “ente”, com a existência da coisa em si. Escoto, porém, entende o conceito de “ser” como radicado do “ente” enquanto conceito lógico e real. Real, porque parte-se da realidade sensível para inferir o “ente” em sua transcategorialidade e lógico, porque ele é um conceito que não anula a particularidade das coisas, pelo contrário, as coisas são modo diferentes do “ente” existir. Abordaremos mais essa definição escotista no capítulo posterior.

⁸ BOEHNER; GILSON, 2012, p. 418.

⁹ GILSON, 2020, p. 59.



longamente desenvolvida com Boaventura no seu “*Itinerário da mente para Deus*” e abordada no “*Brevilóquio*”.¹⁰

Escoto comprehende a metafísica semelhantemente aos seus antecessores Hales e Boaventura. No entanto, diferentemente deles, o *Sutil* inicia a sua investigação analisando a totalidade das coisas existentes para encontrar um princípio *comum em unidade de conceito que é aplicável do mesmo modo às coisas existentes*.¹¹ Esse conceito deve ser aplicável a tudo o que seja dotado de existência real ou possível, material ou imaterial. Ora, um conceito que seja aplicável a todas as realidades captadas pelo entendimento humano, só pode ser um conceito *únívoco*.¹² Esse conceito possui a transcategorialidade e, de modo determinante, a unidade em conceito que ultrapassa os limites das categorias de gênero e espécie.¹³ Outro aspecto é que, assim como Hales e Boaventura, Escoto afirma que os predicados disjuntivos, conversíveis e de perfeições puras, podem ser radicados desse conceito enquanto qualidade (“*in quale*”) e não essência (“*in quid*”). Logo, o conceito unívoco procurado, concebido e afirmado por Escoto, é o conceito de “*ens*” (= “ente”).¹⁴

4. CONCLUSÕES

Concluindo este resumo sobre a nossa pesquisa, concluímos parcialmente que Hales, Boaventura e Escoto elaboram uma teoria metafísica sobre as determinações transcendentais do “ser enquanto ser”, ou “ente enquanto ente”. Entretanto, Hales e Boaventura, partindo da predicação análoga, chegam à determinação transcendental do “ser enquanto ser” como um conceito próprio do entendimento humano aplicado a Deus e às criaturas. Escoto, em contrapartida, inicia sua investigação a partir da univocidade de um conceito real e natural do intelecto humano capaz de conter em si as razões de existência de tudo em uma unidade indissolúvel e, ao mesmo tempo, ser existente de diferentes modos.

O *Sutil* leva a especulação de seus antecessores até as últimas consequências obtendo, em decorrência, o conceito unívoco de “ente enquanto ente”. A afirmação sobre o “ser enquanto ser” de Hales e Boaventura é, sob esse aspecto, redutível (ou conversível) ao conceito de “ente enquanto ente”. Isso se dá, porque, em última análise, o “ser” é uma qualidade do “ente”. Assim sendo, inferimos que existe uma metafísica das determinações transcendentais na tradição franciscana, porém, há, simultaneamente, modos diversos de desenvolvê-la.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹⁰ GILSON, 2020, p. 62. Gilson não afirma diretamente que essa é uma inferência *halensis*, mas sim, da ideia cristã acerca de Deus. Ora, podemos presumir que Hales tenha chegado à mesma inferência e isso é posto por cf. BOEHNER; GILSON, 2012, pp. 417 – 419.

¹¹ BOEHNER; GILSON, 2012, p. 499.

¹² HONNEFELDER, 2010, pp. 104 – 106.

¹³ Se não fosse a sutileza do argumento, poderíamos inferir que isso que se dá em Escoto é o mesmo que ocorre na teoria *halensis* e *boaventuriana*. Entretanto, o conceito *comum* é unívoco quando ele mantém a sua unidade. No caso dos conceitos análogos, não há unidade nesse sentido, apenas por critério de relação não diversa ou diversa.

¹⁴ IOANNIS DUNS SCOTI, *Ordinatio I, Prologus*, p. I a, q. un., n. 24.



ALEXANDRUS DE HALES. ***Glossa in Quatuor Libros Sententiarum***: Livro I. Ex typographia Collegii S. Bonaventurae, 1951.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Vol. 2. (5 ed.). Edição bilíngue. Trad. do português, introd. coment. e notas por REALE, G. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. (13 ed.). Trad. de VIER, Raimundo. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GILSON, E. **A Filosofia da Idade Média**. Trad. de BRANDÃO, E. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GILSON, E. **O espírito da filosofia medieval**. (2 ed.). Trad. BRANDÃO, E. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2020.

HONNEFELDER, L. **João Duns Scotus**. Trad. PICH, R. H. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

IOANNIS DUNS SCOTI. **Ordinatio I. Prologus**. In.: OPERA OMNIA. Civitas Vaticana: Typis Polyglottis Vaticanis, 1950.

LEITE, T. s. Ontologia e teoria dos transcendentais na Metafísica de Duns Scotus. In.: **João Duns Scotus (1308 – 2008) – homenagem de scotistas lusófonos**. DE BONI, L. A. (org.). Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2008, pp. 206 – 252.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**. Volume 2: *Patrística e Escolástica*. Trad. de STORNIOLI, I. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Comentário à metafísica de Aristóteles IV**. Trad. de FAITANIN, P. e VEIGA, B.. São Paulo: Vide Editorial, 2016.

SÃO BOAVENTURA DE BAGNORÉGIO. **Obras escolhidas**. DE BONI, L. A. (ORG.). Trad. de DE BONI, L. A; JERKOVIÉ, J. E SCHNEIDER S. Porto Alegre; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.